

O USO ABUSIVO DE MEDICAMENTOS¹

THE ABUSIVE USE OF MEDICINES

**Alien Bastiani², Luana Cavalcanti Abreu², Karen Lidiene Silveira²
e Jane Beatriz Limberger³**

RESUMO

A automedicação é descrita, como o uso pelos pacientes de medicação não-prescrita, por sua livre iniciativa. Essa prática, com medicamentos de venda livre é uma característica de um novo sistema de saúde. Com a reclassificação de certos fármacos o público pode ter acesso a medicamentos que antes necessitavam de prescrição médica. Governos de todo o mundo vêm a automedicação como um caminho para diminuir os custos em saúde. No entanto, quando a automedicação é avaliada do ponto de vista biomédico, o uso de produtos farmacêuticos pode ser considerado irracional. São fatores de complicação 1) a grande administração de produtos farmacêuticos em crianças; 2) os altos custos a que estão sujeitos os pacientes quando adquirem medicamentos; 3) exagerada expectativa gerada em torno de antibióticos, analgésicos e vitaminas. Os farmacêuticos possuem um importante papel, fornecendo aos pacientes assistência, conselhos e informações sobre os medicamentos e a automedicação. O objetivo, neste estudo, é avaliar as características do consumo de medicamentos pela população de Santa Maria, RS, Brasil.

Palavras-chave: auto-medicação, medicamento, educação em saúde.

ABSTRACT:

The self-medication is described as the use of non-prescribed medication by people, from their own desires. This habit of free market of pills/medicines is a characteristic of a new health system. Through the reclassification of some remedies, people now can buy medicines

¹Trabalho de Iniciação Científica - PROBIC.

²Acadêmicos do Curso de Farmácia - UNIFRA.

³Orientadora - UNIFRA. E-mail: janebeatriz@unifra.br.

28 *Disciplinarum Scientia*. Série: Ciências da Saúde, Santa Maria, v. 6, n. 1, p.27-33, 2005. *that they only could buy with a medical prescription before. Government organizations of all over the world see the self-medication as a way of reducing the health costs. However, in a biomedical view, self-medicine may be considered irrational. The factors of complication are: 1) The great use of medicine in children; 2) The high cost of remedies; 3) The exaggerated expectancy on antibiotics, analgesics and vitamins. The pharmacists have big responsibility on giving assistance, advice and information to people, these advices are about medicine and self-medication. In this study, the main goal is to evaluate the characteristics of the consume of medicines by people from Santa Maria, RS, Brazil.*

Keywords: *self-medication, medicines, health education.*

INTRODUÇÃO

A automedicação é uma prática de autocuidado com a saúde, a qual, até certo ponto, é inevitável, por isso, é importante avaliar seu impacto, benefícios e riscos sobre a saúde (SILVA et al., 2002). O hábito de se automedicar pode trazer situações nocivas à saúde, como efeitos adversos, alergias, intoxicações, interações e aumento à resistência bacteriana no caso dos antibióticos (LYRA Jr. et al., 2003). Com a classificação de alguns fármacos como “over-the-counter” (OTCs), ou de venda livre, o público pode adquirir medicamentos que antes somente eram dispensados sob prescrição médica (SILVA et al., 2002). Em países mais pobres como o Brasil, esse ato funciona como complemento aos sistemas de saúde, diminuindo a procura pelo médico e o custo financeiro do setor público com a saúde (LYRA Jr. et al., 2003). Deve-se levar em conta porém que o adiamento ou a inexistência de um diagnóstico preciso, associado ao desconhecimento da farmacologia das drogas utilizadas, pode transformar essa prática em um problema de saúde pública (MURAD et al., 2002).

Nesse contexto, o farmacêutico revela-se como o mais importante profissional, pois é o último a entrar em contato com o paciente, antes do início do tratamento com medicamentos e, dessa forma, pode atuar no seu uso correto, fornecendo informações seguras, embasadas no seu vasto conhecimento farmacológico (HERREIRAS et al., 2000). Portanto, torna-se indispensável um estudo sobre a automedicação e baseado neste, a aplicação de uma atenção farmacêutica efetiva, a fim de proporcionar um maior alcance dos resultados farmacoterapêuticos, uma diminuição dos riscos provocados pela automedicação e uma melhora na qualidade de vida da população.

METODOLOGIA

A amostra da pesquisa foi composta pela população que frequenta farmácias do centro de Santa Maria, a qual foi entrevistada através de um questionário composto por variáveis independentes (sexo, idade, profissão) e variáveis dependentes, com questões relacionadas a automedicação. Os resultados foram analisados e representados em valores absolutos e/ou relativos e, após, foram realizadas as devidas ilações com a literatura específica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A automedicação tem se configurado como um problema de saúde pública, uma vez que expõe pacientes a riscos muitas vezes desnecessários. Além disso, a percentagem de pessoas que utiliza medicamentos sem prescrição cresce em todo o mundo. Alguns fatores são considerados por Kamat e Nichter (1998) como pontos-chave para esse aumento: o crescimento do mercado farmacêutico, investimentos em marketing e a proliferação de farmácias, gerando competição pelo cliente, especialmente quando a gerência da farmácia não está sob responsabilidade do farmacêutico.

Percebeu-se que, dos 100 indivíduos entrevistados, 26% informaram que praticam a automedicação frequentemente, 54% raramente e 20% disseram não praticar (Figura 1), ou seja, 80% dos entrevistados se automedicam e apenas 20% que não se automedicam. O que confirma os resultados de pesquisas anteriores, como a realizada por Murad et al. (2002) que constatou que a maioria das pessoas não costumam procurar o médico quando apresentam algum problema de saúde, preferindo o autocuidado.

Frequência com que os entrevistados praticam a automedicação

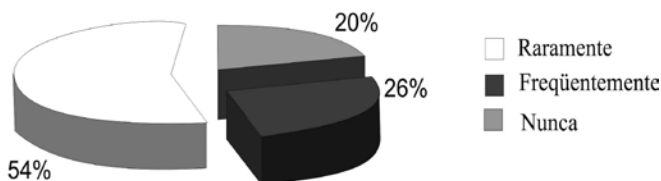


Figura 1. Frequência com que os entrevistados praticam a automedicação.

Por meio dos dados coletados, pode-se verificar o percentual dos participantes que praticam a automedicação e dos que não praticam em relação ao sexo e à faixa etária desta população. Em relação à população feminina, pode-se perceber que 83% das mulheres se automedicam, número esse que diminui para 72% no caso dos homens. A faixa etária da amostra também foi considerada, sendo que ocorre um maior índice de automedicação em 46-65 anos (88%), conforme a figura 2.

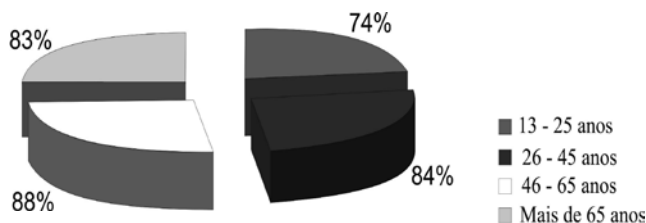


Figura 2. Índice de automedicação em relação à faixa etária dos entrevistados.

Esses dados confirmam resultados de estudos anteriores de Arrais et al. (1997) que sugerem que a automedicação no Brasil é praticada principalmente por mulheres, entre 16 e 45 anos. Entre os homens, essa prática é mais freqüente nas idades extremas.

Dentre os 80% dos indivíduos que informaram praticar a automedicação, 18% não sabiam os riscos dessa prática, sendo que, mesmo os 62% que afirmaram estarem cientes dos riscos, muitos não souberam citá-los.

A associação de saúde ao uso de medicamentos faz com que os pacientes abusem das drogas. Os profissionais da área de saúde devem orientar os pacientes e os seus familiares para evitarem os abusos dos medicamentos devido aos efeitos adversos. Com o fator limitante do tempo, há uma deterioração nas consultas médicas e “não fazer” consome mais tempo que “fazer”, isto é, não solicitar exames nem prescrever medicamentos de validade duvidosa obriga o médico a esclarecimentos a respeito da conduta expectante.

Quando foi perguntado aos entrevistados se procuravam o farmacêutico na hora de comprar o medicamento, 72% disseram nunca procurá-lo e somente 28% expressaram a preferência pelo atendimento do farmacêutico. Esse deve ser o principal obstáculo para a implantação da assistência e atenção farmacêutica nas farmácias, porque, além da maioria dos usuários não procurarem uma orientação, quando o

profissional ou mesmo estudantes da área se propõem a prestar essa orientação, a maioria não se mostra interessada, ou mesmo a rejeita.

Uma prática comum por parte de balconistas de farmácia é a prescrição inapropriada. Um estudo de Campos et al. (1983) demonstrou que os balconistas prescrevem, predominantemente, medicamentos para tratamento sintomático e antibióticos. Além disso, medicamentos com associação de fármacos também são bastante prescritos. Além disso, os autores observaram poliprescrição medicamentosa, fato que levou a um custo médio por receita correspondente a 3,8% do salário mínimo vigente.

Os medicamentos utilizados no contexto da automedicação pertenciam na sua maioria aos grupos dos analgésicos (47%), anti-térmicos (23%) e antiinflamatórios (16%). Com um percentual de apenas 14% do total de medicamentos utilizados, apareceram antibióticos, antidepressivos e antialérgicos, como podemos verificar na figura 3.

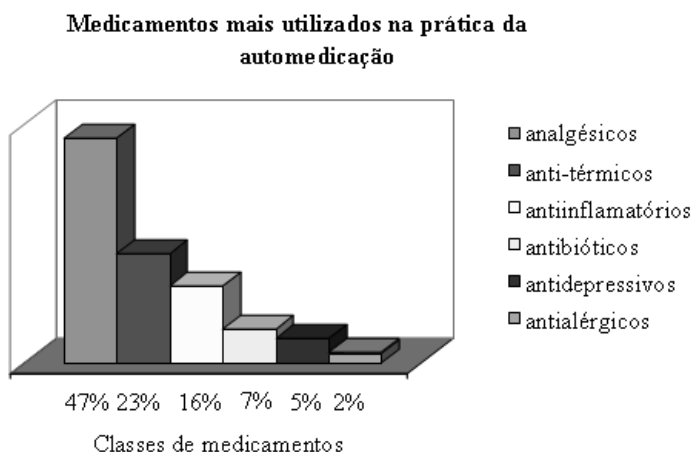


Figura 3. Medicamentos mais utilizados na prática da automedicação.

Esses dados concordam com outros estudos realizados em todo o mundo (ARRAIS et al., 1997), apontando o uso de medicamentos analgésicos como o mais praticado em termos de automedicação. Ressalta-se a importância desse dado ao observar a alta toxicidade associada ao uso de altas doses de paracetamol, aos problemas gástricos decorrentes do uso indiscriminado de ácido acetil salicílico e a utilização de dipirona, quando sua toxicidade é largamente questionada.

Em relação aos problemas relacionados aos medicamentos durante a

32 *Disciplinarum Scientia*. Série: Ciências da Saúde, Santa Maria, v. 6 , n. 1, p.27-33, 2005. automedicação, constatou-se que 91% da população da pesquisa, nunca teve problema quando se automedicou, enquanto que 9% alegou já ter sofrido algum tipo de problema. Dentre os mais relatados, estão complicações no aparelho digestivo e alterações na pressão arterial.

O uso de remédios caseiros e de medicinas alternativas é prática rotineira em nosso meio, sendo parte integrante da cultura popular. Nesse contexto, verificou-se que 58% dos entrevistados fazem uso de algum outro tipo de remédio além do medicamento, contra 42% que preferem utilizar somente o medicamento industrializado.

A respeito da opinião dos entrevistados sobre a venda liberada de medicamentos, sem apresentação da receita médica, 94% disseram que são contra a liberação e 6% disseram preferir a venda livre.

A utilização de medicamentos de venda livre deve ser tratada com cuidado, pois pode fornecer diferentes perspectivas. Bem orientados por profissionais prescritores e farmacêuticos pode levar à automedicação responsável, o que demanda em redução de custos em saúde. No entanto, a falta de orientação pode levar ao uso abusivo e indiscriminado, acarretando sérias conseqüências à saúde dos pacientes.

Ademais, um cenário otimista se revela com a maior cooperação entre médicos e farmacêuticos para garantir que o paciente utilize os medicamentos da melhor maneira possível, recebendo o diagnóstico do médico e a prescrição do farmacêutico (BRADLEY ; BLENKINSOOP, 1996). Evidências disso são percebidas através do aumento no número de iniciativas, nas quais médicos e farmacêuticas criam vínculos de cooperação para o uso racional de medicamentos. Esses projetos devem ser fortemente encorajados e desenvolvidos. São obstáculos para essa cooperação, a separação dos locais de trabalho de médicos e farmacêuticos (na maioria dos casos) e a venda de medicamentos em horários que não permitem a comunicação entre os profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos resultados, observou-se uma preferência pela automedicação em relação à consulta médica, baseada na rapidez e facilidade da aquisição dos medicamentos e na economia do valor da consulta. Pode-se observar também que a influência e o controle do médico, sobre o uso de medicamentos, são extremamente limitados, ressaltando a importância do farmacêutico. Ficou evidente o desconhecimento dos problemas associados ao uso de medicamentos por parte da população estudada. Revelou-se, neste estudo, a importância

de uma orientação profissional a respeito dos medicamentos no momento da compra, assim como do desenvolvimento de mais campanhas de informação e conscientização para que se faça uma automedicação racional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRAIS, P. S. D.; COELHO, H. L. L.; BATISTA, M. C. D. S.; et al. Perfil da automedicação no Brasil. **Rev. Saúde Pública**, v. 31, n. 1, 1997.

BRADLEY, C.; BLENKINSOPP, A. Over the counter drugs: the future for self medication. **BMJ**, v. 312, p. 835-837, 1996.

CAMPOS, J. A. et al. Prescrição de medicamentos por balconistas de 72 farmácias de Belo Horizonte/MG em maio de 1983: riscos de acidentes. **J. pediatr.** v. 59, n. 3, p. 307-12, 1985.

HERREIRAS, T.; MARTINEZ, M.; BARETA, G. M. S. Auto-medicação. Em Curitiba. **Pharmacia Brasileira**, v. 12, n. 5/6, p. 37-41, mai-jun. 2000.

KAMAT, V. R.; NICHTER, M. Pharmacies, self-medication and pharmaceutical marketing in Bombay, India. **Social Science & Medicine**, v. 47, n. 6, p. 779-794, 1998.

LYRA JR., D. P.; OLIVEIRA, M. A. C.; BARRETO, R. J. R.. et al. Perfil da auto-medicação na farmácia escola da UFPE. **Pharmacia Brasileira**, v. 15, n. 1/3, p. 72-74, 2003.

MURAD, J. E.; SALGADO, R. S.; GONÇALVES, R. M. et al. Perfil da auto-medicação e do consumo de psicotrópicos, em Belo Horizonte. **Pharmacia Brasileira**, v. 3, n. 31, p. 37-41, abr-mai. 2002.

SILVA, M. V. S.; MENDES, I. J. M.; FREITAS, O. O medicamento, a auto-medicação e a farmácia. **Pharmacia Brasileira**, v. 15, n. 3/4, p. 64-67. 2002.

